

Teologia Latino-Americana: os “pobres com espírito” segundo I. Ellacuría

*The Latin-American Theology:
The “poor with spirit” according to I. Ellacuría*

Francisco das Chagas de Albuquerque

Resumo

O estudo se debruça sobre o conceito de “pobres com espírito”, que I. Ellacuría elabora a partir de sua leitura das bem-aventuranças, tomando como chave interpretativa a proclamação que Jesus faz conforme o evangelho de Lc 6,20. Parte-se da compreensão do texto de Mt 5,1-12 e de Lc 6,20-23 e se desenvolve sua relação com o conceito em questão, que o teólogo utiliza para refletir sobre os pobres que procuram assumir seu lugar na sociedade e na Igreja de forma consciente à luz da fé. A noção de “pobre com espírito” ou “povo com espírito”¹ aponta para o reconhecimento dos pobres como sujeito de libertação enquanto cidadão e como cristão comprometido com a justiça, a paz e a solidariedade.² Como sujeito que busca sua libertação, os pobres que são movidos pela fé cristã formam a “Igreja dos pobres”, cuja “Carta magna” são as bem-aventuranças. Tal visão eclesiológica encontra sua relevância e atualidade na orientação atual do Magistério que convoca toda a Igreja a viver autenticamente sua vocação que é essencialmente missioária, a “Igreja em saída”, e tudo o que envolve esse compromisso.³

¹ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 70.

² Na verdade, a realidade dos cristãos oprimidos não é feita apenas de dores. Em sua vida concreta há uma esperança que surge “ao mesmo tempo da promessa e da negação da morte, que é celebrada festivamente”. ELLACURÍA, I., *Utopía y profetismo desde América Latina*, p. 159.

³ EG 27-32.

Palavras-chave: Bem-aventuranças. Pobres com espírito. Ellacuría. Igreja dos pobres. Libertação.

Abstract

This study focuses on the concept of “poor with spirit”, which I. Ellacuría elaborates from his reflection on the beatitudes, taking the proclamation that Jesus brings as an interpreting key according to the Gospel of Luke 6:20. It proceeds from the understanding of the text Matthew 5:1-12 and Luke 6:20-23 and develops its relationship with the concept in debate which the theologian uses so as to reflect on the poor who seek to assume their respective place in the society and in the Church, being conscious in the light of faith. The notion of “poor with spirit” or “people with spirit”⁴ points to the recognition of the poor as a subject of liberation, as a citizen and as a Christian committed to justice, peace and solidarity.⁵ As the subjects who are seeking their liberation, the poor who are moved by the Christian faith constitute the “Church of the poor” and their “Magna Carta” claims to be the beatitudes. Such an ecclesiological vision finds its relevance and actuality in the current guidance of the Magisterium, which invites the universal Church to authentically live its vocation, which is essentially being a missionary, “the outgoing Church” and everything that involves this commitment.⁶

Keywords: Beatitudes. Poor with spirit. Ellacuría. Church of the poor. Liberation.

Introdução

I. Ellacuría formula o conceito de “pobre com espírito” tendo como base as bem-aventuranças. Interpreta “bem-aventurados os pobres em espíritos” (Mt 5,3) e suas relações com os versículos seguintes (Mt 5,4-10) à luz de “bem-aventurados, vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc

⁴ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 70.

⁵ Na verdade, a realidade dos cristãos oprimidos não é feita apenas de dores. Em sua vida concreta há uma esperança que surge “ao mesmo tempo da promessa e da negação da morte, que é celebrada festivamente”. ELLACURÍA, I., *Utopía y profetismo desde América Latina*, p. 159.

⁶ EG 27-32.

6,20). A partir desses textos desenvolve a noção de “pobre com espírito” sendo interpelado pela realidade social, política, religiosa e eclesial viva de El Salvador, nas décadas de 70 e 80 do século XX. Ao mesmo tempo lança luzes sobre seu contexto, tendo como interlocutor o povo dos pobres.

Com a expressão “pobre com espírito” ou “povo com espírito”,⁷ o autor quer salientar que o pobre é sujeito de esperança a partir de sua vida de fé e de sua consciência sócio-política.⁸ Antes, porém, é necessário reconhecer que eles são portadores de outros valores humanos e cristãos fundamentais, que constituem a base de sua cidadania e de sua dignidade como membros da comunidade eclesial. Neste sentido, esse conceito extrapola os muros religiosos ou cristãos. Essa leitura contextual das bem-aventuranças se insere na visão de história da salvação como salvação da história que implica salvação do ser humano na história. Daí ser necessário perceber onde ocorre a unidade entre a prática humana e a contemplação da ação libertadora do próprio Deus.⁹ Ela se constitui assim em resposta à graça divina. Essa atuação se desenvolve em vista da realização histórica da vontade salvífica de Deus. É com este fundo de compreensão que se deve entender o pensamento teológico de Ellacuría ao propor o conceito “pobres com espírito”.¹⁰ Estes assumem sua condição social e religiosa de forma consciente lutando pela libertação integral à luz da fé e da conscientização sobre dignidade humana e cidadã. São felizes porque o Reino de Deus lhes pertence.¹¹ Como parte integrante da Igreja que é convocada a viver e testemunhar sua missionariedade, o “povo com espírito” contribui para que todo o corpo eclesial realize sua missão em nosso tempo.

1. As bem-aventuranças

Ao analisar as bem-aventuranças, o teólogo salvadorenho recolhe as características básicas dos pobres no contexto neotestamentário, particularmente

⁷ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 70.

⁸ Na verdade, a realidade dos cristãos oprimidos não é feita apenas de dores. Em sua vida concreta há uma esperança que surge “ao mesmo tempo da promessa e da negação da morte, que é celebrada festivamente”. ELLACURÍA, I., *Utopía y profetismo desde América Latina*, p. 159.

⁹ ELLACURÍA, I., *La historicidad de la salvación*, p. 368.

¹⁰ Este tema se remete aos pontos salvação como história e libertação e sujeitos de salvação.

¹¹ Comenta a *Bíblia*: tradução ecumênica: Jesus manifestou muitas vezes a sua predileção por eles (Mc 10,21; 12,43 e par.) e Lc lhes consagra um interesse especial (14,13-21; 16,19-26; 19,8) (Lc 6,20, nota “n”).

nos evangelhos de Mateus e Lucas.¹² Salienta os traços daqueles que são os pobres em espírito, que renomeia como os “pobres com espírito”, conforme sua proposta hermenêutica. Para I. Ellacuría as bem-aventuranças são a base documental bíblica de fundação de uma Igreja pobre. Elas são, portanto, a “carta fundacional da Igreja dos pobres”.¹³ Há muitos estudos a respeito das bem-aventuranças ocupando-se tanto da versão de Mt 5,3-12 como do texto de Lc 6,20-26, que permitem um conhecimento aprofundado.¹⁴

1.1. A pobreza evangélica como bênção

Para I. Ellacuría a chave determinante para a compreensão das bem-aventuranças¹⁵ é sempre a primeira bem-aventurança conforme o evangelho de Lucas.¹⁶ O que Jesus propõe com a proclamação “bem-aventurados vós, os pobres” constitui um conteúdo de profundo significado espiritual e profético. O teólogo traduz o apelo de Jesus “sede santos” usando a expressão “sede pobres”.¹⁷

¹² ELLACURÍA, I., *Utopía y profetismo desde América Latina*, p. 158.

¹³ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 129.

¹⁴ Para um aprofundamento sobre as bem-aventuranças, pode-se recorrer a estudos como os de Dupont: DUPONT, J., *Les Béatitudes*, p. 9-40; p. 207-345; DUPONT, J., *Le Beatitudini*, 1977.

¹⁵ Uma interpretação sapiencial da primeira bem-aventurança que harmoniza o seu em ambas as versões: “A versão sapiencial mateana faz o Reino de Deus ser já dos pobres e dos perseguidos, usando o presente, enquanto para as outras felicidades se promete o futuro. E as bem-aventuranças assumem em Lucas forma sintética ainda mais contundente do primado dos pobres no Reino de Deus com a exclamação de felizes para os pobres, famintos, chorosos e perseguidos e com os ‘ai de vós’ ricos, fartos, satisfeitos até o riso, bajulados”. PERSPECTIVA TEOLÓGICA, Editorial, p. 309-314.

¹⁶ A propósito da primeira bem-aventurança em Lucas Butler elenca três motivos que podem ter influenciado Lucas a omitir as palavras τῶ πνεύματι: 1. Lucas interessa-se especialmente pelos problemas da riqueza e da pobreza reais. 2. Ele interessa-se também pelo Espírito Santo, tomando o cuidado de evitar uma expressão que pareça denotar uma deficiência do Espírito. 3. Lucas quer colocar a bem-aventurança dos pobres em contraste com a maldição dos ricos, por isso não poderia dizer “ricos segundo o espírito”. Para salvaguardar o paralelismo, ele escreve, pois, simplesmente “pobres” e “ricos”. BUTLER, B. C., *The Originality of St. Matthew*, p. 31-32.

¹⁷ Em uma conclusão sintética sobre o texto de Filipenses e a passagem de 2Cor 8,9, o mesmo autor sustenta que “a pobreza não é simplesmente privação de bens materiais. Poderia antes ser definida como uma renúncia a toda vantagem pessoal; o Cristo se fez pobre abandonando os privilégios da sua condição divina para vir ao nosso meio padecer o suplício da cruz”. E acrescenta: “Este voluntário despojamento de Cristo é o efeito e a manifestação do seu amor

Os discípulos vivem o seguimento a Jesus apoiados na promessa de que vencerão as perseguições e outros perigos que farão parte de seu caminho. Como pobres, aprendem cada dia a confiar só e unicamente na promessa de Deus. De acordo com o teólogo, seguindo uma hermenêutica existencial e histórica, o significado profundo das bem-aventuranças é a pobreza vivida por Jesus. O chamado dos discípulos implica assumir também sua pobreza. Eles são, portanto, inclusos no grupo social dos pobres. A estes se promete o Reino de Deus cuja riqueza ultrapassa toda conquista histórica, porém a assume e a eleva. O Reino de Deus é essencialmente um Reino de alegria pela presença reinante de Deus, onde são superadas as contradições entre os filhos do mesmo Pai, buscando-se a realização integral de cada ser humano e toda a humanidade (Mt 6,33).

Como pobre, Jesus anuncia o evangelho e associa a si os discípulos, para que eles façam o mesmo que ele faz. Assim eles se tornam capazes de continuar sua missão. Este anúncio da libertação e salvação se dirige aos pobres como seus primeiros destinatários e os prediletos do Reino de Deus. Para evitar corrupção, a pobreza de seus discípulos deve ser sempre imersa na atividade própria do Reino de salvação.¹⁸

A articulação dialética de Reino e pobreza é imprescindível para o correto entendimento do ser pobre e da felicidade e bênção dos pobres. Em primeiro lugar, estabelece-se o sentido de bênção e dom das bem-aventuranças:

Bem-aventurados os pobres, “porque” seu é o Reino de Deus.

Bem-aventurados os famintos, “porque” serão saciados.

A adequada compreensão destas duas afirmações exige, porém, outra relação que inclui a necessidade do pobre e da pobreza para que se realize o Reino de Deus.

Seu é o Reino de Deus “porque” são pobres.

Ser saciados “porque” estão famintos...¹⁹

A adequada compreensão dessa relação entre pobreza e bênção é decisiva para se entender o porquê da bênção da pobreza. A bênção do Reino de Deus é

pelos homens. O mistério da sua pobreza é um mistério de amor. Ele renunciou a todo interesse pessoal só em vista do interesse dos homens que ele queria salvar; foi o seu amor por eles que o conduziu a aniquilar-se a si mesmo”. DUPONT, J., *La Chiesa e la povertà*, p. 401-402.

¹⁸ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 148-149.

¹⁹ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 149.

somente àquela pobreza que vai superando ativamente a limitação da pobreza injusta em vista da construção do Reino de Deus.

Desta maneira, afirma-se que a pobreza é bênção somente na medida em que ela é assumida em ordem à superação da dor e da vergonha do empobrecimento que degrada o ser humano neste mundo.²⁰

1.2. O futuro pelas bem-aventuranças: dom espiritual e historicidade

Jesus exultou de alegria ao ver como os pobres, que o procuravam, acolhiam a “boa notícia” por ele anunciada (Mt 11,25-27; 1Cor 1,26-29). Ele proclama “bem-aventurados” aqueles que acolhem sua palavra e se convertem, para entrar no Reino de Deus (Mt 11,25-27).

O futuro que as bem-aventuranças anunciam implica uma realização também histórica, que há de ter uma realização progressiva, resguardando-se, porém, seu significado de dom recebido. “O ‘ser pobre’, o sofrer ativamente, é, portanto, uma condição escolhida historicamente por Deus para realizar através dela a plenitude do homem, configurando, de forma histórica e material, o significado histórico do Reino de Deus.²¹ Compreende-se também a grandeza da pobreza evangélica como dom espiritual.

Isso é altamente importante para que se possa compreender de modo solidário o significado da categoria de pobre. Essa concepção se desenvolve sempre tendo por base a semântica primordial de pobre que se encontra nas bem-aventuranças. Por isso, o conceito de pobre é visto a partir da concepção cristã descrita conforme o evangelho e considera também sua condição eclesial.

Pobre seria quem que se põe principalmente a favor dos mais necessitados e oprimidos para lutar juntamente com eles em ordem ao desaparecimento das condições tanto estruturais como pessoais de sua necessidade e de sua opressão e que, por isso, se vêm perseguidos pelos que são responsáveis, consciente ou inconscientemente, por essa necessidade e opressão. Se esta posição é tomada porque se vive o seguimento de Jesus e se vive com o Espírito de Jesus, estamos diante do pobre autenticamente cristão, que pode anunciar o Reino de Deus em plenitude e que, portanto, se constitui em Igreja.²²

²⁰ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 149.

²¹ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 149.

²² ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 78.

Este alargamento do conceito de pobre determinado pela categoria de solidariedade evangélica é de grande importância atualmente. Esta relevância se dá tanto no âmbito intraeclesial como em relação a outros setores religiosos ou grupos não religiosos. Desta forma, entende-se que salvação, enquanto implica também a dimensão de libertação histórica, conta com a participação de diversos agentes atuantes na sociedade e não somente da Igreja e dos cristãos.²³ Esta breve entrada no significado da pobreza vivida à luz do Evangelho, oferece base para se pensar o conceito de “pobre com espírito” e sua relação com as bem-aventuranças, que é o objeto deste estudo.

O pobre com espírito não é simplesmente uma consequência de reação pessoal a uma situação, mas um dom recebido e assumido pelo pobre. Trata-se do pobre convertido e enriquecido pela esperança, ainda que seja marcado pelo sofrimento.²⁴

2. Os pobres com espírito

Na visão cristã, o pobre possui algumas características que são essenciais para sua libertação e a realização do Reino de Deus. Com isso não se quer dizer que se deve considerar que todos os pobres sejam revestidos de todas elas. As bem-aventuranças explicitam o que é específico do pobre com espírito. Desta forma, a partir do que descreve o texto mateano, mostra-se que o conceito de pobre vai muito além daquele meramente sociopolítico, como se poderia pensar no contexto desta teologia.

2.1. Características do pobre com espírito

As quatro bem-aventuranças que se seguem à bem-aventurança dos pobres, em Mateus, mostram em que consistem as características

²³ Esta perspectiva oferece lugar para o possível ecumenismo, bem como para o diálogo inter-religioso. Igualmente é importante para a aproximação dos cristãos e da instituição eclesial de outros grupos que atuam pelo bem comum na sociedade.

²⁴ Ao tratar do método da Teologia da Libertação, J. Costadoat evoca P. Trigo, que se refere à importância dos pobres com espírito para a tarefa teológica na América Latina. O teólogo deveria fazer sua a figura do Servo: “um pobre de espírito, pobre também com espírito e amigo de pobres e que se solidariza ao modo de Jesus: assumindo os problemas, tomando suas doenças e sanando assim os ambientes e curando as enfermidades do corpo e do coração”. TRIGO, P., El método en teología, en XXX años de itinerancia, p. 119, *apud* COSTADOAT, J., Identidad de la teología latino-americana y teología de la liberación, p. 19-40.

do pobre com espírito. Elas revelam a base sobre a qual se desenvolve a “espiritualidade do pobre”. Espiritualidade aqui diz respeito primeiramente à experiência de aprofundamento da tomada de consciência acerca da própria realidade por parte dos pobres. Tais traços constitutivos da descrição dessa espiritualidade, conforme as bem-aventuranças, são fundamentais para a descrição da noção de pobres com espírito na esteira da fé na América Latina.²⁵ Por sua vez, o significado prático da presença do pobre com espírito é fundamental para a Igreja pobre e dos pobres. Uma vez que se assumem os valores evangélicos expressos através da experiência dos prediletos de Deus, estabelece-se um distanciamento entre a concepção não cristã e a visão cristã de pobre. Não se trata, pois, simplesmente de compreender uma noção conceitual, mas de entrar em sintonia com o espírito do “pobre com espírito”.

Uma rápida referência ao termo pobre no Antigo Testamento serve para se adentrar melhor no espírito do texto de Mt 5,1-12. Os pobres de Yahweh e sua especificidade sociológica não se reduzem a uma mera categoria sócio-histórica.²⁶ Do ponto de vista material, eles são postos no mesmo lugar que “as classes oprimidas”. No entanto, não podem ser identificados pura e simplesmente com os proletários do contexto histórico moderno.²⁷

Conforme o texto bíblico, o pobre possui várias características. A primeira característica é a **mansidão**, isto é, a não violência, o que é diferente de um pacifismo e passividade resignada. Esta mansidão é portadora da coragem que leva o ser humano a manter-se firme diante da necessidade de lutar pela justiça. O modelo de homem que comunica mansidão é sempre Jesus, que agiu com mansidão e humildade de coração no confronto com os fariseus hipócritas. Aos mansos se promete a posse da terra. Há, nesta bem-aventurança, um simbolismo que a distingue das outras. Pois ela sugere certa materialidade

²⁵ O teólogo experimenta uma profunda empatia com os pobres e necessitados. Como articulador de diálogos políticos, ele manifestava uma clara base ético-religiosa. “Ellacuría acreditava na vida como valor fundamental, garantido pelo mistério de Deus. Com todas as cruzes e as contradições, que com tanta lucidez podia descobrir, tinha a capacidade de extrair esperança daqueles aos quais chama ‘pobres com espírito’”. TOJEIRA, J. M., *Aquella libertad esclarecida*, p. 277.

²⁶ ELLACURÍA, I., *La teología de la liberación frente al cambio sociohistórico de América Latina*, p. 257.

²⁷ O teólogo analisa esta questão em um de seus artigos onde mostra a diferença entre os princípios da Teologia da libertação e os do marxismo. ELLACURÍA, I., *La teología de la liberación frente al cambio sociohistórico de América Latina*, p. 241-263.

da promessa do Reino, além de ligar a posse da nova terra com a verdadeira mansidão, que deve caracterizar o cristão e sua prática.²⁸

A **misericórdia** é a segunda característica. Os misericordiosos são os que se compadecem dos aflitos e praticam a misericórdia para com eles. A misericórdia é uma atitude que se entrelaça com a mansidão de coração. O manso de coração sente a dor alheia e ajuda a curá-la. Há aqui uma atitude contrária à indiferença e à passividade diante dos males deste mundo. Através dessa atitude se desenvolve a sensibilidade para com os aflitos e aos mais fracos da sociedade. A benevolência para com os fracos constitui um contraponto em relação à intolerância para com aqueles que os maltratam. Isso se constata na liturgia dos salmos e em muitas palavras dos profetas. Em referidos textos capta-se a idéia de que se é medido conforme a medida que usa para medir os demais.²⁹

A terceira característica é a **pureza de coração**, que significa ter um coração sincero e não dividido. Trata-se de um coração que serve a Deus e o próximo com lealdade. Aos puros de coração se promete que verão a Deus. “Esta simplicidade de intenção, tão reclamada no Sermão da Montanha, é a que se expressa com esta fórmula da pureza de coração, que em si mesma não se refere ao tema, distinto, da castidade”.³⁰

A quarta característica está ligada à **ação pela paz**. São bem-aventurados “os que agem em prol da paz”. Os sujeitos aqui mencionados não são os que padecem os horrores da guerra e da violência de todo tipo. Esta palavra diz respeito aos que são “operários” da paz no mundo. A paz, que está muito ausente em muitas situações no mundo, é uma promessa do Reino de Deus. Porém, como realidade social cabe aos homens a tarefa de construí-la. Ela é a resposta de Deus às iniciativas humanas em vista de alcançar este dom. As formas que tomará tal serviço dependem também das circunstâncias históricas. Na Conferência de Medellín, o Episcopado latino-americano referiu-se ao compromisso da Igreja com o estabelecimento da paz na sociedade, qualificando o cristão como “artesão da paz”.³¹ Os valores expressos através dessas características conformam o comportamento profundo com o qual os pobres com espírito procuram viver o Evangelho na Igreja e na vida social.

²⁸ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 136-137.

²⁹ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 137. O autor não especifica quais seriam essas passagens bíblicas.

³⁰ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 138.

³¹ DM, Paz, 14.

2.2. “Espiritualização” da Igreja pobre

As características e valores acima vistos se harmonizam com o processo de “espiritualização” de que o pobre necessita. Como Igreja, os pobres formam a consciência de si como um povo depositário de uma missão. Assim, eles integram o corpo eclesial, contribuindo para que a Igreja seja uma Igreja de convertidos, de bem-aventurados como acontecia nos primórdios das comunidades eclesiais.³²

A espiritualização de seus membros, faz parte do crescimento da Igreja e do aprofundamento de seu empenho em favor da vida dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros. Aqui entra-se na compreensão mais determinante do que seja a espiritualização. O verbo espiritualizar significa nascer do Espírito, como Jesus ensinou a Nicodemos (Jo 3,4). Observe-se que o teólogo emprega o termo Espírito, grafando-o com “E” maiúsculo, mas sem referência imediata aos sacramentos do Batismo e o sacramento da Confirmação. “Trata-se, antes de tudo, do Espírito que se reflete em Jesus”.³³ Seu sentido foi sugerido pelo exegeta J. Jeremias, segundo o qual, no contexto histórico de Jesus, os judeus fiéis à religião dos pais acreditavam que o Espírito tinha sido extinto desde o momento em que Israel pecou contra Yahweh adorando o bezerro de ouro.³⁴ Tal ausência atingiu seu auge com a morte dos profetas literários. Nesse período Israel ficou totalmente privado do Espírito de Deus. Tal extinção expressa a consciência do distanciamento de Deus. O contrário acontece com o advento de Jesus, o qual possui o Espírito de Deus de modo diferente do que dizem seus inimigos, que o acusam de possuir um espírito imundo (Mc 3,28-29). Ele possui o Espírito que leva à superação de toda escravidão e ao compromisso pela transformação do ser humano e da história como proclamou na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-21).³⁵

³² GUTIÉRREZ, G., *Teología de la liberación*, p. 213. O autor reflete sobre o tema da espiritualização fazendo notar a diferença entre a realidade interior e a intimista. Para o teólogo peruano é importante atentar para o tipo de libertação ao qual se pretende dar atenção. Neste contexto, espiritualização significa a formação de um sentido de libertação a ser conquistada. Ele entende que determinada espiritualização quando é mal entendida pode afastar o cristão de suas responsabilidades históricas. O resultado efetivo seria distanciá-lo do empenho que o ser humano tem de transformar “as estruturas sociais injustas que entranham as promessas escatológicas”.

³³ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 72.

³⁴ JEREMIAS, J., *Teología del Nuevo Testamento*, p. 97ss.

³⁵ A Bíblia: Tradução Ecumênica (1994) registra sobre o termo “espírito” em nota de rodapé: “Este espírito não é Espírito Santo, nem a inteligência, mas, como coração do v. 8 [sobre a pureza de coração], o centro e a totalidade da pessoa: O Senhor salva os que têm o coração



Portanto, I. Ellacuría explica que com o vocábulo Espírito não está se reportando diretamente ao Espírito Santo como Pessoa divina, a Pessoa da Trindade santa, mas no sentido de concentração da força de Deus junto a seu povo e em seus membros comprometidos com a justiça do Reino de Deus. É com este sentido que o teólogo grafou a palavra “Espírito”, com letra maiúscula. Ele a emprega, pois, para significar o sentido bíblico de presença da força de Deus e sua manifestação atual na vida dos cristãos nas comunidades, células de base da Igreja dos pobres. Por conseguinte, o significado de Espírito está relacionado “à idéia do Espírito Santo por concentração e personalização de tudo o que na fé e na práxis cristã compete ao âmbito do Espírito, isto é, da presença de Deus entre os homens tal como se manifesta nos fatos e palavras de Jesus, mas sobretudo n’Ele mesmo”.³⁶

Como a extinção do Espírito significou o distanciamento de Deus, a presença de Deus implica, agora, a partir de Jesus, a plenitude da presença do Espírito. Esta plenitude do Espírito, que se comunica como herança aos cristãos, se verifica no Filho. O pobre com espírito é o pobre convertido e enriquecido pela esperança.

3. O Espírito de Jesus e a solidariedade eclesial criativa

O conteúdo teológico do termo Espírito, tal como o emprega o teólogo, é, portanto, sobretudo de ordem cristológica. Essa caracterização cristológica se deve a duas razões principais. A primeira é a revelação que Jesus faz de Deus como Seu Pai. A segunda diz respeito ao modo como Jesus vive sua relação filial com Deus, na realização de seu ministério. Esta cristologia reclama uma eclesiologia de orientação correspondente.

3.1. A presença vivificante e libertadora do Espírito Santo

No Novo Testamento, o Espírito é apresentado em termos de realidade autônoma individual, mas ao mesmo tempo é graças à unção deste Espírito que Jesus vive e age de modo filial. Por isso, “este ser e atuação são como que

abatido e socorre os de coração quebrantado (Sl 34,19). Esses pobres pertencem à grande família dos que as provações materiais e espirituais acostumaram a só contar com o socorro de Deus (Mt 5,3, nota “e”).

³⁶ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 73.

o selo mesmo do Espírito, sua presença encarnada e vivificante”.³⁷ A partir dessa compreensão, Ellacuría reflete sobre a tomada de consciência por parte do povo dos pobres de “ser Igreja”. Este passo é determinante para que nasça a Igreja dos pobres e se desenvolva a busca da libertação de modo consciente. Por isso é necessário que o povo dos pobres se revista do Espírito de Jesus. Ao mesmo tempo, é imprescindível que se dê atenção a esta presença pessoal de Deus na vida dos cristãos singulares, mas também na existência de todos os que tentam viver os valores do Reino de Deus. Mas é na comunidade eclesial, como povo de Deus, que se confere o sentido sacramental de libertação aos pobres com espírito.³⁸

No anúncio da libertação como parte da missão da Igreja, os pobres são sujeitos qualificados pela condição de serem “pobres com espírito”. O teólogo sustenta que o pobre espiritualizado “é quem melhor pode representar a presença do Espírito Santo no mundo e pode, por conseguinte converter-se no resto eclesial por antonomásia”.³⁹ Ellacuría emprega o termo “resto” inspirando-se na experiência bíblica do “resto de Israel”. O uso da categoria teológica de “resto” garante que se acentue a relevância da existência dos pobres como Igreja. Mesmo que neste caso se tenha como referência uma situação local, a relevância teológica do pobre tem, no entanto, um alcance universal.⁴⁰

O resto do antigo Israel representava a esperança do verdadeiro Israel. Essa parcela de israelitas se mantinha fiel a Yahweh. Como resto do novo Israel, a Igreja, a presença do pobre é significativa para que toda a Igreja desempenhe sua tarefa como testemunha de Jesus Cristo, anunciando o Reino de Deus em vista de sua realização. Sinal eloquente desse testemunho é o

³⁷ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 73. Para um estudo de pneumatologia da libertação consultar Víctor Codina, que publicou várias obras, entre elas: CODINA, V., *El Espíritu del Señor actúa desde abajo*.

³⁸ ROMERO, O., *Las pobrezas de las bienaventuranzas: fuerza de la verdadera liberación del pueblo*, p. 248, 254.

³⁹ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 73.

⁴⁰ Um estudo sobre o tema da esperança dos pobres nos Salmos autoriza que se denomine a um grupos de israelitas “servos de Yahweh”. “Eles propiciam uma piedade confiante, própria do pobre e oprimido que só no Senhor encontra seu auxílio. Eles esperavam a restauração de Sião, onde pudessem habitar as novas gerações pós-exílicas (Sal 102). Frente à situação difícil que lhes toca viver, encontram na Torah (Sal 1;119) e na recitação do louvor divino (especialmente os Salmos) um sustento para sua fê”. ALBISTUR, F. et al., “Dar razón de nuestra esperanza” (1Pe 3,15), p. 40.

acolhimento dos pobres e pecadores tendo-os como amigos.⁴¹ Desta maneira, toda a Igreja é chamada a viver a vida do Reino de Deus, identificando-se com todos que necessitam que lhes seja feita justiça.

Quanto ao escopo último da espiritualização do povo de Deus, esta deve acontecer em vista de sua missão inserida no magno desígnio de salvação, que esta se realiza sempre dentro da “grande história de Deus”. Trata-se sobretudo de imergir-se no Espírito de Jesus com o mesmo sentido assumido por ele, que viveu profundamente um “realismo histórico”.⁴² A espiritualização não leva a um isolamento dos problemas do mundo. Ao contrário, a comunicação cristã do Espírito requer ao mesmo tempo a mediação histórica e presença na história. Esta é uma exigência do Reino de Deus.⁴³

3.2. Ação real e criativa do Espírito de Jesus: “dar à luz a Igreja”

O teólogo cunhou outra expressão que está vinculada à noção de pobres com espírito, bem como ao termo Espírito, já explicado. Trata-se da expressão “dar à luz a Igreja”.⁴⁴ Esta expressão significa que os cristãos, enquanto discípulos imbuídos do Espírito de Jesus, assumem um modo concreto de ser Igreja. Esse nascimento da Igreja diz respeito ao acolhimento do potencial evangélico que existe na vida dos pobres e suas comunidades. Não se trata de uma Igreja paralela, mas indica uma forma concreta de a Igreja viver sua missão na opção preferencial pelos pobres, os prediletos do Reino de Deus. Está em questão uma prática eclesial movida pelo Espírito de Jesus. Nessa forma de ser Igreja mistério de comunhão e sacramento de Cristo, ela se torna sinal da presença viva do Deus de Jesus que liberta os pobres.

Isso implica que Jesus viva realmente dentro daqueles que dizem segui-lo: isso significa que o povo deve ser fecundado pelo Espírito para que vá dando nascimento à Igreja. Nem aquela vida nem esta fecundação devem ser entendidas “misticamente”, tampouco de um modo puramente de recordação. É, antes, uma presença real e criativa; uma prova de que Jesus continua vivo na história e continua realizando até sua consumação a

⁴¹ DP 398.

⁴² ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 74.

⁴³ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 74.

⁴⁴ Eclesiogênese (do grego *ekklesia* “igreja”, *genesis* “origem”) é um termo da teologia que se refere à origem da Igreja. O teólogo Leonardo Boff empregou o termo no sentido de reinvenção da Igreja. WIKIPÉDIA, Eclesiogênese.

tarefa que iniciou em sua etapa histórica; algo que se faz carne e continua assim sua criatividade e sua eficácia históricas.⁴⁵

Uma prática evangélica que faz presente historicamente o Espírito de Jesus, isto é, a força divina que se atualiza na prática do cristão, traz consequências amplas. Tais consequências se verificam tanto no nível pessoal como no corpo eclesial, que não são outras, que, *mutatis mutandis*, aquelas vividas por Jesus. A práxis eclesial no Espírito de Jesus orienta-se intrinsecamente à “plenitude da Igreja de Cristo”, que é por “autonomia a Igreja dos pobres com espírito”. Entendendo-se o conceito de “dar à luz Igreja”, como a existência de uma Igreja configurada pela ativa presença dos pobres. Isso significa que ela se forma “em seu núcleo principal por pobres com espírito, isto é, por pobres que sendo-o no sentido mais completo do Novo Testamento, vivam do Espírito de Jesus”.⁴⁶ A ênfase que se dá à presença do pobre na Igreja tem caráter realista. Assim, não se deve pensar que o povo pobre seja “santo” pelo fato de ser pobre. Tampouco seria justo considerar que ele seja mais merecedor de graças que aqueles que estão em outro patamar social. “Costuma-se dizer que o pobre, não pelo fato de ser pobre é santo; que o pobre também necessita ser salvo e libertado de seu próprio pecado. Efetivamente é assim”.⁴⁷

A consideração da transparência da experiência cristã à luz da “evangélica opção preferencial pelos pobres” significa um passo na realização do Reino de Deus. I. Ellacuría entende que o caminho eclesial condizente com o evangelho implica necessariamente uma vivência evangélica prática e profética. A prática do evangelho é imprescindível para que se chegue a uma experiência de salvação que signifique também libertação. Por essa via, o Cristianismo continuará sendo efetivamente uma mediação de decisiva importância para a indispensável humanização da sociedade.⁴⁸ Em uma visão limpidamente

⁴⁵ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 75.

⁴⁶ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 76.

⁴⁷ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 76.

⁴⁸ C. Duquoc, analisando a teologia da secularização e da historicidade do cristianismo, mostra que este é mais que uma inspiração. Como inspiração ele tem ajudado o homem a libertar-se de angústias e a exercitar o espírito de crítica e liberdade. Porém, o cristianismo vai além dessas contribuições de cunho antropológico. Por outro lado, ele se tornou um sistema com forte presença social e, “enquanto sistema, ele tem tido uma tendência a recuperar para seu proveito a mentalidade não crítica do homem antigo. A Igreja é o aspecto social do cristianismo”. Com o fim do império romano, a Igreja passa a ser o cimento das novas sociedades. Aos poucos sua autoridade e organização se impõem conforme ela concebia o ideal cristão. “A sociedade europeia que pouco a pouco se ergue das ruínas do império foi integralmente de rosto cristão, ela

evangélica “não pode haver Igreja de Jesus Cristo, não pode haver salvação histórica, sem que o povo dos mais necessitados seja sujeito primário dela, renascido de uma nova presença do Espírito. E este povo, assim renascido, contribuirá de modo incalculável para a libertação histórica dos indivíduos e dos povos”.⁴⁹

Conclusão

Vimos que a noção de “pobres com espírito” fundamentada nas bem-aventuranças, cuja hermenêutica se faz à luz da primeira bem-aventurança lucana, leva ao entendimento do lugar social e eclesial dos pobres no compromisso com a libertação integral no contexto latino-americano e do Caribe. A reflexão proposta se desenvolve no contexto histórico em que a Igreja faz a opção preferencial pelos pobres, assumida desde a Conferência de Medellín (1968) e confirmada documentalmente pela Igreja através das conferências posteriores. Essa orientação eclesiológica destaca o lugar do pobre como sujeito consciente de sua dignidade cidadã e sua missão como cristão na Igreja e na sociedade. A Igreja pobre que se autoconstrói a partir da base do povo de Deus, entendido em sentido amplo, fundamenta sua missão no Cristo pobre. Encarnando a pobreza, ela “reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor”.⁵⁰ Jesus propõe a seus seguidores que assumam o sentido pleno das bem-aventuranças: “Bem-aventurados, vós os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20). Analogamente ao ensinamento “sede santo” (Mt 5,38), diz aos discípulos: “sede pobre”. Como pobre, Jesus anuncia o evangelho e associa a si “os que ele queria” (Mc 3,13) para estarem com ele e enviá-los em missão (Mc 3,14). Este anúncio da libertação e salvação se dirige aos pobres como seus primeiros destinatários e interlocutores e os prediletos do Reino de Deus. Este é também o apelo do Espírito em nossos dias, sobretudo considerando a convocação do Magistério através da *Evangelii gaudium*: “Hoje e sempre, ‘os pobres’ são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer”.⁵¹ O chamamento

pretendia alcançar a vivência dos dons do Evangelho e ser assim o Reino visível”. DUQUOC, Ch., *Ambigüité des théologies de la sécularisation*, p. 21.

⁴⁹ ELLACURÍA, I., *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, p. 78.

⁵⁰ LG 8.

⁵¹ EG 48.

ao compromisso com a vida, particularmente à vida, em todas as categorias e formas na Criação, sobretudo onde ela está em condição vulnerável emana de outros documentos como a *Laudato Si'* e *Querida Amazônia*, cujas orientações e ensinamentos devem ser encarnados na vida eclesial, em tempos tão desafiadores como o nosso.

Referências bibliográficas

ALBISTUR, F. et al. “Dar razón de nuestra esperanza” (1Pe 3,15). In: SOCIEDAD ARGENTINA DE TEOLOGIA (Ed.). **De la esperanza a la solidaridad**: XX Semana Argentina de Teología. Buenos Aires: San Benito, 2002. p. 19-64.

BUTLER, B. C. **The Originality of St. Matthew**. Cambridge: University Press, 1951.

BÍBLIA: tradução ecumênica, 1994.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Medellín**, 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 2010.

CELAM. **Puebla**: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1980.

CODINA, V. **El Espíritu del Señor actúa desde abajo**. Santander: Sal Terrae, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 37-117.

COSTADOAT, J. Identidad de la teología latinoamericana y teología de la liberación. **Perspectiva Teológica**, v. 50, n. 1, p. 19-40, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20911/21768757v50n1p19/2018>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

DUQUOC, Ch. **Ambiguïté des théologies de la sécularisation**: essai critique. Gembloux: J. Duculot, 1972.

DUPONT, J. La Chiesa e la povertà. In: BARAÚNA, G. **La Chiesa del Vaticano II**: studi e commenti intorno alla Costituzione “Lumen Gentium”. Firenze: Vallecchi, 1965. p. 387-418.

DUPONT, J. **Les Béatitudes**. Le problème littéraire – Les deux versions du

Sermon sur la montagne et des béatitudes. Bruges: Abbaye de Saint-André, 1958.

DUPONT, J. **Le Beatitudini**: gli evangelisti. Roma: Paoline, 1977. v. II.

ELLACURÍA, I. **Conversión de la Iglesia al Reino de Dios**: para anunciarlo y realizarlo en la historia. Santander: Sal Terrae, 1984.

ELLACURÍA, I. La historicidad de la salvación. In: ELLACURIA, I.; SOBRINO, J. **Mysterium liberationis**: conceptos fundamentales de la teología de la liberación. Madrid: Trotta, 1990. p. 323-372. v. I.

ELLACURÍA, I. La teología de la liberación frente al cambio sociohistórico de América Latina. **Revista Latinoamericana de Teología**, n. 12, p. 241-263, 1987.

ELLACURÍA, I. Utopía y profetismo desde América Latina. Ensayo concreto de soteriología histórica. **Revista Latinoamericana de Teología**, n. 17, p. 141-184, 1989.

FRACISCO, PP. **Exhortación apostólica Evangelii Gaudium** del Santo Padre Francisco. Madrid: San Pablo, 2013.

GUTIÉRREZ, G. **Teología de la liberación**: perspectivas. Salamanca: Sígueme, 2004.

JEREMIAS, J. **Teología del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1972.

PERSPECTIVA TEOLÓGICA. **Editorial**, v. 43, n. 121, p. 309-314, set./dez. 2011.

ROMERO, O. Las pobrezas de las bienaventuranzas: fuerza de la verdadera liberación del pueblo. In: SOBRINO, J.; MARTÍN-BARÓ, I.; CARDENAL, R. (Eds.). **La voz de los sin voz**: la palabra viva de Monseñor Romero. San Salvador: UCA, 1980. p. 247-268.

TOJEIRA, J. M. Aquella libertad esclarecida. In: SOBRINO, J.; ALVARADO, R. (Eds.). **Ignacio Ellacuría**: “aquella libertad esclarecida”. Santander: Sal Terrae, 1999. p. 275-282. (Presencia Teológica, 96).

TRIGO, P. El método en teología, en XXX anos de itinerancia. **Iter**, p. 135-230, 2010.

WIKIPÉDIA. Ecclesiogênese. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ecclesiogênese>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

Francisco das Chagas de Albuquerque

Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universit  Gregoriana

Docente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte / MG – Brasil

E-mail: albuquerque.fc.86@gmail.com

Recebido em: 18/04/2020

Aprovado em: 17/06/2020